

## Pelo Fundo da Agulha

Cláudio Márcio da Silva (PPGEL/UNEMAT)

“O juízo da gente é assim como aquela linha fininha, que as costureiras enfiam no fundo da agulha. Quando se rompe, fica difícil de fazer remendo”. Eis a conformação da poética da solidão e da memória em **Pelo Fundo da Agulha**, de Antonio Torres, que aprisiona a consciência fugaz do Totonhim, aposentado do Banco do Brasil, isolado da família, recluso em seu apartamento, deitado em sua cama, refaz sua trajetória de vida. É pela configuração do discurso memorialístico que se imprime a consciência de irreversibilidade do vivido nas suas conseqüências materializadas em dor e sofrimento; ao mesmo tempo em que os vários tempos se desenrolam como amplitude de um passado individual, na mescla cinzenta e opaca, de experiências, de escolhas realizadas, dos sonhos e dos desejos. Rememorar e narrar se conformam como ato profundamente solitário, pelo efeito do monólogo a palavra aspira ao sentimento, o sentido de uma vida toda.

O último livro da trilogia e o mais poético, que se inicia com **Essa terra** e passa por **O cachorro e o lobo**, **Pelo fundo da agulha** traz a imagem do migrante diante da resposta inexorável da vida frente as escolhas, a desilusão, conformando um processo complexo e dolorido de identidade.

